

A CULTURA MÉDICA EGÍPCIA E SUAS PRÁTICAS CIRÚRGICAS

Thalyta Roberta Barbosa dos Santos¹
Leticia Rodrigues Mota de Lima²
Juliana Porfírio Guimarães da Cruz³
Emmanoel de Almeida Rufino⁴

RESUMO

Este estudo desvela a medicina egípcia, especialmente suas práticas cirúrgicas, por considerarmos muito relevante fazê-lo, caso queiramos – como nos é o caso – propor esse retorno ao passado como um movimento imprescindível para se avançar naquilo que somos e que fazemos, seja quando ratificamos, retificamos ou mesmo abandonamos alguma sugestiva referência desse passado civilizatório. Afinal, como nas práticas cirúrgicas – objeto desta pesquisa sobre o Egito – encontramos pontos de convergência e de divergência (seja no modo de operacionalização da técnica médica, seja no sentido subjacente a tal prática, etc.) que muitos ou desconhecem ou desconsideram ao estudo e que talvez sejam úteis – como já sugerimos – para uma síntese mais qualificada da ciência médica atual. Em suma, delineamos este estudo através da seguinte problemática: como se configurava a antiga medicina no tocante as suas práticas cirúrgicas? Objetivando, pois, compreender as práticas cirúrgicas egípcias no universo da cultura médica do Egito, organizamos o desenvolvimento de nossa discussão a partir de duas etapas específicas de análise: primeiramente, examinamos a cultura egípcia e sua configuração social; em seguida, analisamos especificamente as práticas cirúrgicas egípcias, à luz das influências de sua tradição cultural⁵.

Palavras-chave: Cirurgia, Cultura antiga, Medicina egípcia.

INTRODUÇÃO

Há milênios, a medicina vem confirmando sua vocação de viabilizar o alargamento quantitativo e qualitativo da vida humana. É notória a percepção de que seus avanços dão suporte substancial à ideia de progresso civilizatório de qualquer sociedade. Como não podia deixar de ser, a medicina científica ocidental é insigne no horizonte dessa contestação, recepcionando dos indivíduos em geral, grande reconhecimento e voto de confiança. Contudo, apesar de muitos costumarem atrelar o avanço exponencial da medicina aos últimos séculos,

¹Estudante do Curso Técnico em Instrumento Musical Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, thalytaroberta@gmail.com;

² Estudante do Curso Técnico em Contabilidade Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, leticia.rodrigues@academico.ifpb.edu.br;

³ Estudante do Curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, julianaporfilho13@gmail.com;

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UF, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.

⁵ Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa "Estudo crítico dos conceitos contemporâneos de saúde, doença e terapia à luz da antiga medicina ocidental de matriz greco-egípcia", aprovado junto à Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do IFPB, e financiado tanto pelo IFPB quanto pelo CNPq.

vinculados ao antropocentrismo da idade moderna e sua investida na razão humana como fonte de progresso técnico-científico do saber médico (desvinculando-o o melhor possível das práticas medicinais atreladas ao misticismo), não cremos ser razoável concentrar as razões da evolução da medicina nesse período da modernidade. Alguns dos pressupostos teóricos e técnicos da atividade médica que conhecemos possui ramificações na Antiguidade, onde sua existência ganhou contornos práticos.

O Egito é, por sua vez, uma das civilizações – junto com a Grécia – a quem mais devemos consideração em termos de influência cultural àquilo que consideramos ser nossa identidade cultural, o que não exime a medicina: falamos aqui de civilizações que são o berço de racionalidade de nossa civilização. Diante desse contexto, esse texto vem apresentar o estudo que fizemos sobre a medicina egípcia, especialmente sobre suas práticas cirúrgicas, por considerarmos muito relevante fazê-lo, caso queiramos – como nos é o caso – propor esse retorno ao passado como um movimento imprescindível para se avançar naquilo que somos e que fazemos, seja quando ratificamos, retificamos ou mesmo abandonamos alguma sugestiva referência desse passado civilizatório.

Ora, como nas práticas cirúrgicas – objeto desta pesquisa sobre o Egito – encontramos pontos de convergência e de divergência (seja no modo de operacionalização da técnica médica, seja no sentido subjacente a tal prática, etc.) que muitos ou desconhecem ou desconsideram ao estudo e que talvez sejam úteis – como já sugerimos – para uma síntese mais qualificada da ciência médica atual, já que toda ciência é cumulativa e segue uma lógica dialética de autocrítica, tentando aprender com o passado, num movimento dialético de teses, antíteses e sínteses paradigmáticas (KUHN, 1992).

Em suma, delinearemos o presente estudo a partir da seguinte problemática: como se configurava a antiga medicina no tocante as suas práticas cirúrgicas? Objetivando, pois, compreender as práticas cirúrgicas egípcias no universo da cultura médica do Egito, organizaremos o desenvolvimento de nossa discussão a partir das seguintes etapas específicas de análise: primeiramente, examinaremos a cultura egípcia e sua configuração social; em seguida, interseccionaremos essa distinção cultural com o exame da cultura médica em si, pensando, por exemplo, as influências da religião nas práticas terapêuticas e na própria formação dos "doutores" desse saber.

METODOLOGIA

A realização deste estudo assumiu uma tipologia especificamente teórica em sua base investigativa, justificando, assim, as incursões que faremos a fontes bibliográficas. Tendo em vista os objetivos específicos que delimitamos, organizaremos as estratégias metodológicas de nosso estudo bibliográfico da seguinte forma: no primeiro momento, seguindo o objetivo de específico de examinar a cultura egípcia e sua configuração social, fizemos uma busca por dados na rede mundial de computadores (web); esse primeiro movimento de análise visa nos dar condições para promovermos uma compreensão mais clara das razões de ser da cultura médica dessa civilização. Em seguida, analisamos especificamente as práticas cirúrgicas egípcias, à luz das influências de sua tradição cultural. Esse movimento investigativo específico terá como base fundante o livro *O segredo dos médicos antigos*, de Jurgen Thorwald (1962).

DESENVOLVIMENTO

1. A cultura egípcia e sua configuração social: reflexões à cultura médica

O Egito foi inequivocamente uma das civilizações mais enigmáticas e interessantes da história. Seus deuses, crenças, costumes, vestimentas, faraós e suas dinastias, modo de produção e vários outros aspectos a tornaram um império muito rico e respeitado, motivo de inúmeras guerras e disputas. Seus avanços abriram verdadeiras portas para a evolução da ciência e conseqüentemente da medicina que conhecemos nos dias de hoje.

Os faraós eram os líderes do povo egípcio, por muito tempo considerados deuses que deveriam ser venerados e tratados não como seres humanos que ocupavam a posição de reis, mas sim como verdadeiros deuses na Terra que deveriam ser adorados, idolatrados. Na hierarquia, se encontravam, em ordem de importância: o faraó, nobres, os sacerdotes, chefes de exércitos e soldados, escribas, comerciantes, artesãos, camponeses e por fim os escravos. O faraó era o líder que comandava tudo e todos, senhor do Egito, proprietário das terras egípcias e seus lucros. Os nobres que consistiam na família do faraó, suas esposas, concubinas, filhos, netos e genros. Os sacerdotes – que eram os responsáveis por todos os rituais, festas e atividades religiosas – conheciam muito bem os deuses e suas características e funções específicas. Chefes de exército e soldados eram os responsáveis por todo o treinamento militar dos jovens que

entravam para o exército; sua responsabilidade era enorme nos tempos de guerra pois o destino das terras e do povo do Egito estava em suas mãos, e quando ocorria de sofrerem derrotas nas batalhas as punições podiam sofrer punições que chegavam até mesmo a morte. Escribas possuíam grande crédito social pois nem todos no Egito possuíam a habilidade de escrever, até mesmo entre a classe nobre, por isso eles possuíam grande prestígio; costumavam escrever em papiros e hieróglifos, documentos de caráter prático, cobrança de impostos leis e informações do dia a dia.

No âmbito dos negócios, a importância dos comerciantes era notável, pois movimentavam a economia egípcia comercializando seus produtos entre si e entre outras civilizações, expandindo assim as rotas de comércio, relações com outros povos, riquezas e fama do Egito. Os artesãos trabalhavam nas oficinas reais palacianas, e nos templos fabricando diversos produtos, entre eles vários tipos de joias. Os Camponeses formavam a maior parte da população, cerca de 90%, trabalhavam no cultivo da terra, não possuíam muitas riquezas e sofriam a altos impostos, o que tornava suas vidas ainda mais difícil. Os escravos viviam sem direitos, sem privilégios, não possuíam riqueza alguma, sofriam maus tratos, eram motivo de chacota na sociedade e mal tinham o que comer; eram geralmente trazidos de povos derrotados nas guerras e utilizados em construções públicas, trabalhos em minas, domésticos e agrícolas.

A religião no Egito é muito interessante e curiosa, muitos são os deuses que compõem esse panteão mitológico, o que tornava essa religião politeísta. Os deuses eram considerados onipresentes metamórficos, influenciavam a natureza, os animais e seres humanos, ou seja, acreditava-se que eles comandavam a tudo e todos. Cada um possuía sua própria história, característica, poder exclusivo e papéis diferentes no curso do universo, eram também muito semelhantes aos seres humanos, pois podiam nascer e morrer, se alimentar, possuíam nomes e emoções, todavia suas características humanas camuflavam uma natureza fenomenal, seus corpos eram feitos de pedras preciosas, suas lágrimas tinham poderes como fazer nascer uma nova criatura ou se transformarem em minério. A formação dos deuses era vista de várias maneiras, existiam deuses totalmente humanos, outros carregavam uma cabeça animal e o corpo era humano e vice-versa e havia os deuses que eram inteiramente animais. Uma curiosidade era que povoados egípcios que possuíam deuses rivais entravam em guerra por esse mesmo motivo. Acreditou-se também por muito tempo que tudo era ou fazia parte da vontade dos deuses, uma doença ou morte por exemplo era considerado castigo dos deuses, uma má colheita, o fato do rio Nilo secar, crises financeiras.

2. Sobre a cultura médica egípcia e suas práticas cirúrgicas

Muitas das práticas cirúrgicas utilizadas nos dias atuais tem sua origem proveniente de procedimentos cirúrgicos egípcios, realizados a muito tempo atrás. De acordo com Jurgen Thorwald (1962, p. 57), a cauterização era um procedimento cirúrgico e ficou comprovado que os médicos egípcios faziam uso do mesmo para tratamento contra infecções. Nos dias atuais a cauterização também é realizada, como a *cauterização química*. Os médicos do Egito também faziam cortes cirúrgicos, com o uso de pedras afiadíssimas, que se assemelhavam aos bisturis dos dias de hoje, e fechavam os cortes pequenos amarrando-os com tiras de linho, processo que lembra bastante a prática da sutura, também presente nos tratamentos atualmente (THORWALD, 1962, p. 57).

Assim como é feito nos dias de hoje, é dito que os egípcios tinham médicos especialistas em doenças dos olhos, cabeça, dentes, entre outros, assim como é feito atualmente (THORWALD, 1962, p. 28). São mencionadas ainda, por Thorwald (1962, p. 28) “casas de vida” que estavam em decadência: essas casas estavam cheia de filhos de nobres; nelas não havia filhos de pobres e a frente dessas casas estavam homens sábios. Em nosso estudo descobrimos também que as “casas de vida” eram providas pelo rei de muitas benesses para que houvesse condições de aprender e trabalhar, eram providos inclusive de instrumentos. De acordo com esse documento pode-se depreender que o trabalho do médico-chefe visava somente a reinstalação de antigas instituições de medicina que formavam os médicos dos templos egípcios. Assim como é feito hoje em dia, fraturas eram recolocadas e imobilizadas, por meio de ataduras que na época eram feitas de linho submergidas em resinas de látex glutinoso ou em asfalto, processo este que substituía o engessamento atual (THORWALD, 1962, p. 56).

Há referências em Thorwald (1962, p. 77) de que, na prática cirúrgica, era necessário abrir a pele do paciente com lasquinhas de pederneira até que sangrasse, informação também encontrada no Papiro de Ebers, que assim dissertava: "Remédio para curar a doença irwt: faça-se um tratamento à faca na parte inferior de sua coxa"; assimilava-se a sangria (que é um procedimento cirúrgico) e sua finalidade era dar um meio de saída para o sangue acumulado, artificialmente.

Os médicos também se utilizavam de sanguessugas para tratar congestionamentos de sangue e humores (THORWALD, 1962, p. 79)., sanguessugas também são usados ainda hoje. No artigo “As origens da medicina – A medicina no Egito Antigo” (DE PAULA, 1962, p.42-

43) podemos saber também um pouco sobre a cirurgia no Egito. Nas páginas 42 e 43, vemos uma referências ao Papiro Edwin Smith onde se fala de lesões ósseas e outras, citando também um procedimento para fraturas de coluna, no qual costumava-se imobilizar o paciente com dois pequenos muros de tijolos sob suas axilas sendo ele alimentado por meio de um tubo, assim como são tratadas as fraturas hoje, por intermédio da imobilização.

O registro mais antigo da cirurgia egípcia conhecido até então, era do túmulo de um alto funcionário real, no qual mostra a circuncisão de dois jovens por meio de instrumentos de pedra: na inscrição o cirurgião declara “vou lhe fazer um bem”. (THORWALD, 1962, p.53)

Um dos grandes e maiores mistérios do Egito Antigo, o embalsamamento dos mortos. Esse processo era realizado de três maneiras: a primeira maneira, mais cautelosa e exorbitante se nos referirmos à ornamentação e preço; nesse tratamento, primeiramente se retiram as vísceras cerebrais através das narinas, utilizando-se de um ferro retorcido, puxando-as parcialmente para fora ou introduzindo, de outra parte, medicamentos na cavidade. Em seguida abria-se a cavidade abdominal com uma faca de pedra muito afiada, proveniente da Etiópia, retirando-se todas as vísceras; as vísceras abdominais eram higienizadas, lavadas em vinho de palmeira e cobertas em incenso moído. Depois disso, a cavidade abdominal era preenchida com farelo de mirra, de folhas de cássia e outras resinas misturadas com o incenso; em seguida, o cadáver era costurado, imerso em soda por setenta dias; passados os dias, lavava-se o cadáver e logo em seguida se envolvia o cadáver por completo com ataduras feitas de bisso, as quais recebiam uma camada de goma, que no Egito, substituía frequentemente a cola. Então depois de todo esse processo o corpo voltava para os parentes, que o colocavam em um caixão de madeira em forma humana, guardando-o numa câmara mortuária.

A segunda maneira de mumificação era menos cara do que a primeira em termos de custo e ornamentação e mais cara do que a terceira forma. Nesse modelo de embalsamamento, era colocado no ventre do cadáver óleo de cedro, por intermédio de um clister, sem fazer cortes ou retirada das vísceras; o clister era introduzido no ânus de tal modo que não podia mais sair; em seguida, o cadáver permanecia na soda durante os dias calculados; porém no último dia era retirado o óleo de cedro, que havia sido introduzido anteriormente. O efeito é que as vísceras saem em conjunto com o óleo, a carne sofre o efeito de decomposição por razão da presença da soda, de maneira que restam somente a pele e os ossos do cadáver. O corpo era então, finalmente devolvido aos familiares, sem mais providências; era uma opção mais barata do que a primeira e tornava-se mais acessível aos egípcios que não podiam pagar para fazer um procedimento como o anterior.

O terceiro modo de embalsamamento era o destino dos desfavorecidos de recursos, que conseqüentemente não possuíam condições de pagar por nenhuma das formas anteriores. Era realizada dessa forma: a cavidade abdominal era limpa por meio de óleo purgativo, o corpo era colocado em uma solução salina por setenta dias, era então mandado de volta aos parentes (THORWALD, 1962, p.29-30).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na cultura médica egípcia vemos a ideia de que o bem-estar individual – sua saúde psíquica, somática, existencial – não se encontra na mera submissão a tecnologias médicas. Se a mente de cada sujeito estiver desconectada da mente/harmonia cósmica, se ele mesmo não se autoconhecer e estiver em desequilíbrio com sua razão de ser, o adoecimento se revela um caminho inevitável, demandando um processo terapêutico que não só lhe engaje novamente nos rumos de sentido de sua existência (daí o sentido grego-egípcio do termo *terapia* e da função do terapeuta no processo de “cura”: abrir portas). A partir dessa concepção de saúde, as práticas cirúrgicas buscavam respeitar essa lógica de harmonizar o corpo com tudo aquilo que o envolve, mesmo quando os métodos cirúrgicos parecessem demasiado rudes no trato com o paciente e seu sofrimento.

A medicina cirúrgica egípcia ainda respondia a um princípio caro também na tradição médica grega: quando os procedimentos técnicos eram insuficientes para promover a cura, apelava-se para as poções mítico-mágicas de cunho religioso e/ou preces dirigidas diretamente às divindades. Destaca-se ainda a prática da mumificação, no arcabouço dessa relação entre técnica médico-cirúrgica e religião: a lógica da vida após a morte motivou o desenvolvimento de técnicas de embalsamamento muito avançadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que as práticas cirúrgicas egípcias mantém influências com certas práticas cirúrgicas da medicina atual. Outro dado importante: a medicina egípcia mantinha seu ideal terapêutico vinculado às potências religiosas (movimento abandonado pela medicina científica ocidental), já que quando os procedimentos técnicos eram insuficientes para promover a cura, apelava-se para as poções mítico-mágicas de cunho religioso e/ou preces dirigidas diretamente

às divindades. A medicina egípcia – e suas práticas cirúrgicas – mantinha uma estreita ligação com a religiosidade. Vimos que práticas médico-cirúrgicas como a mumificação respondiam à crença reencarnacionista que habitava no imaginário cultural egípcio.

REFERÊNCIAS

DE PAULA, E. Simões, As origens da medicina - A medicina no Antigo Egito, **Revista de História**. Setembro/1962.

KUHN, Thomas. **As estruturas das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

THORWALD, Jürgen. **O segredo dos médicos antigos**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

<https://www.todamateria.com.br/deuses-egipcios/amp/>

<https://www.google.com/amp/s/batatamitologica.wordpress.com/2015/05/11/hierarquia-de-poder-no-antigo-egito/amp/>